



# **Quando algo não vai bem com o bebê**

**Detecção e  
intervenções  
estruturantes em  
estimulação precoce**







# Quando algo não vai bem com o bebê

**Detecção e  
intervenções  
estruturantes em  
estimulação precoce**

Julieta Jerusalinsky  
Maribél de Salles de Melo  
(organizadoras)



ágalma

© *Ágalma* para esta edição, 2020

1ª edição: setembro, 2020

Editor

Marcus do Rio Teixeira

Diretora da Coleção De Calças Curtas

Daniele de Brito Wanderley

Projeto gráfico da capa e primeiras páginas

Homem de Melo & Troia Design

Revisão

Solange Fonseca

Depósito legal

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

*Todos os direitos reservados*

ágalma

Av. Anita Garibaldi, 1815

Centro Médico Empresarial, Bloco B, sala 401

40170-130 Salvador-Bahia, Brasil

Tels: (71) 3245-7883 (71) 3332-8776

e-mail: [agalma@agalma.com.br](mailto:agalma@agalma.com.br) Site: [www.agalma.com.br](http://www.agalma.com.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Q1

Quando algo não vai bem com o bebê: detecção e intervenções estruturantes em estimulação precoce. / organizadores: Julieta Jerusalinsky, Maribél de Salles de Melo. - Salvador: Ágalma, 2020.

258 p. : 14x21cm.

Vários autores.

ISBN 978- 65-86488-02-9. (Broch.).

1. Psicanálise infantil. 2. Desenvolvimento infantil. I. Jerusalinsky, Julieta. II. Melo, Maribél de Salles de.

CDD-618.928917

CDU-159.964.2-053.2

A nossos pacientes, psicanalistas, professores e colegas de práxis clínica, junto aos quais sustentamos o amor de transferência com que se tece e se estende o fio da pulsão de vida...

Por compartilharem algo que pode ser transmitido, mas que jamais poderá ser apenas teoricamente ensinado.



## Sumário

- 11 **Prólogo:** O amor precoce  
*Alfredo Jerusalinsky*
- 19 **Introdução:** As grandes questões que os mais pequenos levantam diante do cânone da psicopatologia  
*Julieta Jerusalinsky e Maribél de Salles de Melo*
- Fechamentos diagnósticos ou detecção e intervenção precoce para favorecer a estruturação?**
- 39 Os psicodiagnósticos fechados e a prática pediátrica: em que se aposta nos primórdios do desenvolvimento infantil?  
*Marla Moreira Avelar e Julieta Jerusalinsky*
- 54 O autismo e suas representações pela palavra dos pais  
*Ana Lucia Tecu Mucci e Julieta Jerusalinsky*
- 70 O autismo e o lugar dos pais na intervenção clínica com a primeira infância: ressignificações da história  
*Maribél de Salles de Melo, Deibe Barbosa de Moraes e Julieta Jerusalinsky*
- 90 A experiência narrativa como fator constitutivo da formação humana: uma reflexão a partir de Benjamin, Freud e Larossa  
*Luciana Oltramari César, Francisco Carlos dos Santos Filho e Vivian Nolasco*

## **A formação de profissionais para práxis preventivas da saúde mental na primeira infância versus a patologização**

- 107 Detecção precoce do sofrimento psíquico em bebês e a formação de profissionais para práticas de prevenção em saúde mental REDE SAMPA (São Paulo-SP)  
*Julieta Jerusalinsky, Teresa Cristina Endo, Cláudia Regina Graziانو de Moraes e Abreu, Christiane Mery Costa, Adriana Barbosa Pereira, Andrea Carla Atilano Braga e Maria Antonieta Pezo del Pino*
- 120 Por um acompanhamento do desenvolvimento subjetivante do bebê: o IRDI convoca sua transmissão na saúde pública  
*Ana Paula Gramacho e Magda Lena Martins Alinano*
- 127 Tecendo experiências junto ao Programa Infância Melhor (PIM) a partir do instrumento IRDI com as visitadoras (Vera Cruz-RS)  
*Tatiana Vargas, Alissia Dornelles e Andrea Gabriela Ferrari*
- 136 Gestão em saúde pública e formação de profissionais da atenção básica para intervir com o risco psíquico na primeiríssima infância (Londrina-PR)  
*Silvia Karla Azevedo Vieira Andrade, Maribél de Salles de Melo, Cristina de Jesus C. Almeida e Deibe Barbosa de Moraes*

## **Do risco à rede: intervenções estruturantes do bebê e a sustentação da subjetividade nas articulações intersetoriais**

- 155 O bebê prematuro: da detecção de risco psíquico aos encaminhamentos possíveis  
*Dani Laura Peruzzolo*

- 162 O imprevisível e o ato criativo: a língua e a musicalidade na clínica da primeira infância – reflexões a partir de um caso clínico  
*Rosana Ojeda, Juliana Mori, Silvana Silveira, Marcela Assef e Vera B. Zimmermann*
- 175 Detecção precoce de indicadores de risco psíquico: uma ação intersetorial entre saúde e educação (Ibiporã-PR)  
*Joubert Marcondes de Carvalho e Nayara Tiemi Naves*

### **Intervenções de sustentação do laço pais-bebê em condições de vulnerabilidade social**

- 187 Grupo de mães no serviço público de saúde: a escuta da violência vivida por mulheres e seu retorno transgeracional no exercício da maternidade  
*Marizilda Ferreira Pugliesi e Elisa Maria Carneiro*
- 196 O cuidado com o estabelecimento do laço mãe-bebê e o atravessamento de situações de vulnerabilidade relacionadas ao cárcere  
*Adriana Haasz de Moura Gaunszer, Lara de Paula Eduardo e Luana Almeida Magalhães*
- 210 Uso dos Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil – IRDI em contexto de vulnerabilidade social (IPREDE-CE)  
*João Vicente Menescal, Beatriz Sernache de Castro Neves, Álvaro Jorge Madeiro Leite e Alfredo Jerusalinsky*
- 223 A sustentação do exercício das funções parentais no encontro com o semelhante: experiência do Espaço Amarelinha  
*Maribel de Salles de Melo, Kathyúscia Geórgia Arango do Valle Schmidt e Julieta Jerusalinsky*

### **237 Referências**

### **250 Currículos dos participantes**



## O Amor Precoco

*Alfredo Jerusalinsky*

*Eu-te-amo* não tem distanciamento. É a palavra da díade (maternal, apaixonada): nela, nenhuma distância, nenhuma deformação vem clivar o signo: não é metáfora de nada.

*Eu- te-amo* não é uma frase: não transmite um sentido, mas prende-se a uma situação limite: “aquela em que o sujeito está suspenso numa relação especular com o outro”. É uma holofrase.

(Embora seja dita milhões de vezes *Eu- te- amo* não está no dicionário; é uma figura cuja definição não pode exceder o título) (BARTHES, 2018, p.158-159).

Algo completamente carente de utilidade, mas, ao mesmo tempo, totalmente imprescindível para os seres humanos, isso é ‘os sentimentos amorosos’.

O amor é uma das formas em que se apresenta o desejo, e, indiscutidamente, a mais prestigiosa. Não certamente porque facilite as coisas já que, bem pelo contrário, ele costuma complicá-las, na medida em que coloca o sujeito na dependência da satisfação do outro. Uma satisfação necessária porque é por ela que esse outro estaria disposto, pela sua vez, a nos satisfazer. Desdobramento entre dois de um jogo de xadrez cuja trama consiste no tecido da sedução, ou seja, na promessa de sempre dispor do objeto que ali

faz falta, embora esse objeto permaneça constantemente oculto para preservar seu potencial prazer. É por isso que, quando o objeto aparece, causa sobressalto entre o susto e a surpresa, ou entre a desilusão e o encantamento (LACAN, 1981)<sup>1</sup>.

Se assim complica as coisas, a que se deve seu prestígio e sua necessidade? Ocorre que, à medida que tal xadrez vai tecendo ataduras intermináveis, esse modo de enlace com o outro toma a forma imaginária do indestrutível, ou seja, uma defesa extrema contra a solidão.

Mãe é para sempre, sim. Mas com a condição de que, entre ela e seu filho, tenha-se desdobrado esse xadrez.

Tentando decifrar o enigma da tal contradição, eu os convido a remontar aos momentos iniciais da vida deste primata desnaturado que nós somos. Certamente, nascemos numa condição tão indefesa, mas, ao mesmo tempo, com uma sensorialidade tão acordada (embora totalmente fragmentada, dispersa e sem significado) que, com extrema facilidade, um bebê entra em confusão, alarme, estranhamento, em suma, desorganização e angústia. São seus cuidadores primários os que funcionam como intermediários amortecedores entre o meio circundante em atividade e o pequeno, inaugurando seu contato com o mundo e os semelhantes. Dê-se conta de que ele não nasceu com instrumentos instintuais suficientes (como acontece com outros mamíferos) para organizar isso que chega a ele como um bombardeio sensorial.

É na função desse amortecimento e nos pequenos gestos organizadores desses primeiros contatos com o mundo que a mãe se torna objeto de amor, mas, é claro, à medida que ela demonstre sua constância e talento para fazer de cada toque um signo, ou seja, um traço portador de significado. Esse significado não é outra coisa que uma promessa de satisfação, ou seja, o começo deste complexo xadrez que se chama amor.

---

<sup>1</sup>LACAN, Jacques. *Seminário 20: aín*. Barcelona: Ed. Paidós, 1981. Ver, especialmente, o Cap. IV: El amor y el significante, p. 51.

“Dar o que não se tem” (LACAN, 1981) é a função primordial do cuidador primário: um enlace interminável. Razão essa e não outra pela qual, para uma mãe, resulte mais fácil que para um cuidador profissional desdobrar esse conjunto de movimentos e intercâmbios inúteis entre ela ou ele e seu filho. Com efeito, além da alimentação e da higiene, o bebê convoca, muito antes de ser capaz de sustentar uma demanda, cânticos, risos, macaquices, balanços, danças, imitações, joguinhos, brinquedos, caretas, abraços, mimos, cócegas, simplesmente porque ele mesmo é uma promessa de satisfação de ideais insatisfeitos ou desejados por seus pais. E pouco importa se eles virão a se realizar somente após longo tempo passar, porque esse desejo é inconsciente, e os desejos futuros do inconsciente funcionam como se esse tempo futuro fosse hoje. Ele convoca o amor dos pais porque ele encarna uma promessa. E é de promessas que está feito o amor. Cada minúscula realização do bebê convoca o amor de sua mãe porque essa realização é um signo que simboliza a realização de um sonho através do ser do filho. Esta e não outra é a razão dos cuidados maternos não serem idênticos aos dos cuidadores profissionais.

Ocorre que os cuidados primários não se constituem a partir de um conjunto de técnicas de indução de comportamentos concordantes com os ritmos e figuras neurogenéticas de maturação cerebral. Eles se compõem a partir de um enlace de promessas de satisfação entre os filhos e seus pais em que cada parte imagina que é este outro parental ou filial quem possui o objeto de desejo que ele oculta para o surpreender com essa realização precisamente no momento em que menos o esperava. Aí está a razão de que mitos e paradigmas das relações entre pais e filhos ocupem ainda tanto espaço nas relações sociais nestes tempos em que o próximo tem caído cruelmente de valor na condição subjetiva e no discurso social. Ainda insistem as figuras como “o Filho Pródigo”, “a mãe como último refúgio”, “o amor eterno entre os pais”, “mãe há uma só”, uma infinidade de sintagmas que demandam que o amor materno-filial não se extinga.

A importância das relações afetivas entre um bebê ou uma pequena criança e sua mãe tem-se constituído, ao longo dos tempos, num consenso tal que, muito além das identificações emotivas que sua simples menção nos provoca, tem dado lugar a uma extensa e complexa rede conceitual construída na tentativa de elucidar a lógica e as razões desse enlace interminável.

Não cessa de nos surpreender o extraordinário contraste entre a ínfima pequenice e – de um modo geral – a brevíssima extensão de feitos e episódios acontecidos ou imaginados durante a primeira infância e o tamanho e a extensão temporal das manifestações provocadas por esses feitos.

A constância com que essa surpresa se repete não é outra coisa que a prova contundente do carácter determinante das experiências infantis, especialmente as primárias, tal como Sigmund Freud o afirmara nos albores do século XX.

A cada passo, o bebê fica exposto à vivência de um encontro de enorme contraste entre o acontecer aleatório do Real e um núbil organismo ainda prematuro para organizar e se apropriar dessa experiência, pois cada encontro tem um valor potencialmente traumático.

Quando o traço excede em profundidade a superfície em que o evento que o provoca se desdobra, ele cria seu próprio significado desvinculado da trama do evento que o provocou – definição do signo que proponho inspirado na semiótica de Roland Barthes. Se uma superfície corporal (não me refiro à diferença entre interior e exterior que, no caso, não tem nenhuma importância) não conta com uma rede significativa relativa à sua função que amortecia o impacto de um evento que se desfecha sobre ela, a marca desse evento certamente se inserirá numa profundidade maior, ultrapassando a superfície que deveria ter suportado sua escritura. É assim como o papel se rasga quando a precária organização significativa não consegue deter a paixão esgrimida com força excessiva pela mão da pequena furando o papel que deveria ter registrado sua garatuja,

ou seja, o retrato gráfico de um momento de invasão do real. Tal a dinâmica do signo na sua condição de marca que carrega um excesso de sentido<sup>2</sup>. Vozes, cheiros, gestos, toques, cujo efeito detona uma ressonância (“retumbância” diríamos, nos arriscando na invenção de um autônimo) que não exige no seu momento inicial mais traços que os provocados pelo próprio ato. Trata-se do paradoxo amoroso, no qual se, de um lado, as palavras não alcançam, do outro, as palavras sobram porque desnecessárias na medida em que a produção de sentido provém, nessa posição de enlace corporal, de sua condição traumática. É assim que o traço adquire relevância de signo, do mesmo modo em que, na operação inversa, o significante se “degrada” para a condição de signo quando o traço se desvincula da série significante para efetuar seu significado.

É certamente por isso que a figura da mãe e sua presença se tornam tão necessárias na função de amortecer esse impacto e selecionar e ordenar os eventos traumáticos, diferenciando os necessários dos supérfluos, mas cometendo o imprescindível paradoxo de dar mais importância ao supérfluo, antepondo-o ao necessário. É precisamente neste ponto que nos reencontramos com a questão do amor: supérfluo ou necessário?

Retomando a questão do amor inicial, não cabem mais dúvidas acerca da importância determinante dos cuidados primários para configurar e inscrever o sujeito a vir a ser na cultura que o acolhe. As séries complementares freudianas – as condições constitucionais, as experiências infantis, a situação atual – são “séries” porque significam, ou seja, seu significado não está no próprio signo, mas no conjunto de signos em que ele está incluso. É por isso que uma práxis preventiva no campo da saúde mental desde a primeira

<sup>24</sup>“Todo signo inclui ou implica três relações. Primeiramente uma relação interior, a que une um significante a seu significado; em seguida, duas relações exteriores: a primeira é virtual, ela une o signo a uma reserva específica de outros signos, da qual o destacamos para inseri-lo no discurso; a segunda é atual, junta o signo aos outros signos do enunciado que o precedem ou lhe sucedem”. Respectivamente, essas três relações do signo constituem relações diferentes do sujeito com a linguagem: “A escolha de uma relação dominante implica cada vez uma certa ideologia [...] a cada consciência do signo (simbólica, paradigmática e sintagmática)” (BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 41; 42)

infância precisa incidir na detecção e eventual orientação dos laços que, a cada momento, estão se tecendo entre os pais e seu bebê.

Que a mãe tenha destaque nesse elenco de criação se deve a dois motivos. O primeiro se deriva das capacidades gestacional e alimentar, próprias do corpo feminino, condições que geram uma proximidade corporal que não caracteriza a posição do pai (por mais que ele participe das práticas de manutenção e cuidados de seu filho) e do lastro de uma tradição de diferenciação de pais nos cuidados primários. Tradição que ainda pesa na distribuição de funções para além e apesar das justificadas reivindicações de igualdade na responsabilidade sobre o cuidado dos filhos. O segundo motivo reside em que, nas mais diversas culturas e nas diferentes configurações familiares e parentais em prática ainda nos tempos atuais, em que se têm colocado, sob dura crítica, as diferenças de hierarquia e legitimidade entre as diversas identidades sexuais, as funções parentais persistem em ser diferenciadas no discurso social como função paterna e função materna – independentemente da condição anatômica ou da posição sexual dos progenitores –, sem que as novas figuras tenham, até agora, o efeito de dissolver as figuras de pai e mãe.

Sim, uma práxis preventiva em saúde mental não somente é possível como também necessária. É obvio que o que até aqui escrevemos tem a finalidade de demonstrar até que ponto as crianças ficam expostas, atualmente, a transformações sociais tais que abrem campos de vulnerabilidade e inauguram formas de criação cujos efeitos começamos apenas a vislumbrar, não somente nas frequências psiquiátricas, mas também nas representações generalizadas que, do semelhante degradado, passam a caracterizar hoje as relações sociais. Eis a pertinência de adentrarmos as experiências de práxis preventivas de saúde mental compartilhadas neste livro.